

Comentários – Sessão 6

Elisabete Zardo Búrigo¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O ENSINO DE DESENHO PARA O TRABALHO INDUSTRIAL: o traçado de uma pesquisa histórica

Thaline Thiesen Kubn, Cláudia Regina Flores

O ENSINO DO DESENHO NA ESCOLA PRIMÁRIA EM SALVADOR, VITÓRIA DA CONQUISTA E CAETITÉ (1925-1940): uma análise dos documentos oficiais

Emanuel Silva Santos, Claudinei de Camargo Sant'ana

O DESENHO A ENSINAR EM RUI BARBOSA: elementos ou rudimentos?

Marcos Denilson Guimarães

A Sessão 6 reúne três trabalhos dedicados ao estudo do desenho como saber a ser ensinado na escola primária. Os trabalhos mencionam conexões entre o ensino de desenho e saberes geométricos que justificam sua inserção em evento dedicado à História da Educação Matemática. Apresentam referenciais teóricos pertinentes ao campo da História da Educação e fundamentam seus objetivos em diálogo com trabalhos que tratam da temática.

Guimarães (2016) estabelece um confronto entre as orientações de quatro manuais pedagógicos dedicados ao Desenho Linear, publicados no século XIX, e as propostas de Rui Barbosa para o ensino de desenho, explicitadas em seu Parecer, apresentado ao parlamento brasileiro em 1882 e publicado em 1883, intitulado “Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública”. Para esse confronto, o autor recorre aos conceitos de “rudimentos” e de “elementos”, nos termos de Valente (2016).

O autor descreve os conteúdos e a abordagem do Desenho em cada um dos manuais, destinados a escolas normais e/ou escolas primárias. Todos tratam do desenho de figuras geométricas, com o recurso a instrumentos e técnicas próprias do Desenho Geométrico, que se fundamentam em princípios geométricos que correspondem a resultados da Geometria Euclidiana. Tal é o caso, por exemplo, do traçado de uma reta paralela a uma reta dada passando por um ponto dado. Segundo Guimarães (2016), a lógica de apresentação dos conteúdos, das técnicas e dos exercícios indicados é a da evolução dos mais simples para os mais complexos. A ênfase em conceitos abstratos, a progressão dos conteúdos e as conexões com a Geometria Euclidiana levam o autor a concluir que o desenho é concebido, nesses manuais, como “elementos”, isto é, como “as primeiras partes simples de um saber avançado, de um saber científico” (VALENTE, 2016, p.42): a Geometria.

Guimarães (2016) comenta, a seguir, trechos do já mencionado Parecer de Rui Barbosa, que apresentam o desenho como componente de uma cultura geral com

¹Doutora em Educação, professora associada do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS. E-mail: elisabete.burigo@ufrgs.br.

“precedência à própria escrita” e “especialmente indispensável às classes laboriosas” (BARBOSA, apud GUIMARÃES, 2016, p. 9). Para o ensino primário, o parecer propõe a adoção do modelo inglês, que inclui o desenho de memória, o de invenção e o desenho a tempo fixo. Os saberes geométricos estão presentes nessa concepção, uma vez que a “educação do olho e da mão” envolvem a identificação de formas, curvas e volumes. O ensino preceituado por Rui Barbosa, entretanto, não é organizado segundo a lógica da Geometria Euclidiana; além disso, o Parecer atribui ao desenho novas finalidades, relacionadas a demandas práticas da atividade industrial. A partir daí, Guimarães (2016) argumenta que, diferente dos manuais que o precederam, o Parecer propõe o ensino do desenho como “rudimentos” e não mais como preparação para o estudo do saber avançado Geometria.

Guimarães(2016) conclui sua análise falando de uma “ruptura” de Rui Barbosa com as concepções do saber elementar desenho que o precederam. Considerando que se trata de pesquisa em desenvolvimento, proponho uma problematização dessa interpretação. A escolha das fontes (manuais pedagógicos) é justificada, pelo autor, com referência ao tempo cronológico, isto é, foram examinados manuais anteriores ao texto de Rui Barbosa. Os trechos do Parecer apresentados no artigo não fazem referência aos manuais, o que sugere que Rui Barbosa não tinha os manuais como referência. Além disso, o autor não apresenta análise de manuais publicados após a divulgação do Parecer. Não fica claro, para o leitor, se Rui Barbosa pretendia modificar o ensino para o qual os manuais foram concebidos, ou instaurar um novo saber elementar a ser ensinado. No segundo caso, faz sentido falar de “ruptura”? Para avançar nessa discussão, apresenta-se a sugestão de que sejam mobilizadas novas fontes, como documentos oficiais daquele período, de modo que o leitor possa compreender o cenário ao qual o Parecer se referia e pretendia modificar.

Santos e Sant’Ana (2016) propõem o estudo da constituição curricular do desenho no curso primário, nas cidades de Salvador, Vitória da Conquista e Caetité, no período compreendido entre 1925 e 1940. O marco de 1925 está relacionado à reforma da educação baiana, estabelecida pela Lei n.º 1.846 e pelo Decreto n.º 4.218, nesse ano. Os autores mobilizam duas fontes.

A primeira dessas fontes é um artigo (de autoria não identificada) publicado em 1928 na revista *Escola Primaria*, que contém prescrições para o desenho como saber elementar, “sob o triplice fundamento da Observação, Associação e Expressão” (apud SANTOS; SANT’ANA, 2016, p. 6). Tais prescrições vinculam o desenho espontâneo aos centros de interesse, uma proposta pedagógica de viés escolanovista em circulação nos anos 1920. As conexões com os saberes geométricos aparecem nas prescrições para o ensino no terceiro ano primário.

A segunda fonte apresentada no texto é uma conferência de Arthur Mendes de Aguiar, professor e diretor da Escola Normal de Feira de Santana, proferida em 1927, em curso de atualização de professores primários, e publicada nesse mesmo ano na Revista do Ensino. Os autores apresentam trecho em que o conferencista fala da influência educativa do desenho, ligada ao exercício da vista, da imaginação, da mão, do gosto, do senso estético, das faculdades de julgar e de raciocinar. Em outro trecho, o conferencista trata das conexões entre o desenho e outras disciplinas, como a caligrafia, a geografia, a geometria teórica – “por dar a inteligência das figuras que devem servir às demonstrações” (apud SANTOS; SANT’ANA, 2016, p. 11) - e

a geometria prática. Pensando na discussão proposta por Guimarães, vemos aqui a permanência da ideia do desenho como “elementos”.

As duas fontes apresentadas pelos autores apresentam elementos de discursos acerca do desenho como saber a ser ensinado na escola primária baiana e indicam a viabilidade do estudo proposto. Contudo, não fica clara a motivação dos autores para a opção por um estudo que considere as três cidades mencionadas no título, no resumo, e na introdução do texto. É preciso, ainda, traçar um plano para o desenvolvimento da pesquisa, identificando um conjunto de fontes a serem buscadas, analisadas e confrontadas.

Kuhn e Flores (2016) apresentam uma proposta de pesquisa acerca da constituição do ensino de desenho como dispositivo técnico-industrial no período do pós-guerra, mais precisamente nas décadas de 1950 e 1960, em Santa Catarina. O texto apresenta o referencial foucaultiano e alguns excertos de estudos históricos acerca da constituição do ensino de desenho. Os estudos citados pelas autoras consideram que os textos de Rui Barbosa constituem um marco decisivo no processo de constituição do desenho como saber escolar necessário para o desenvolvimento industrial. O texto também faz menção à normatização do desenho no ensino primário, no ensino secundário e nas escolas normais. Nos anos 1950, segundo os autores referidos no texto, o ensino do desenho estava oficializado nos grupos escolares catarinenses, com uma função educativa. O texto menciona também uma função profissionalizadora do desenho, uma vez que estaria presente na formação de artífices.

A pertinência e relevância do tema estão bem justificadas. Entretanto, o texto não esclarece se o estudo buscará focar a escola primária, a escola secundária, a escola normal, o ensino industrial ou se buscará estudar, articuladamente, a presença do desenho como disciplina ou saber escolar em cada um desses níveis ou ramos de ensino. As autoras também não explicitam quais fontes serão buscadas e analisadas. Tratam-se de “primeiros apontamentos de uma pesquisa de doutorado” (KUHNS; FLORES, 2016, p. 1). Como o objetivo é o do estudo da constituição de um dispositivo técnico-industrial, recomenda-se que a pesquisa não se limite ao âmbito escolar, mas discuta as articulações entre formação e trabalho, entre a esfera educativa e a esfera produtiva.

Os textos apresentam interessantes propostas de investigação, a serem detalhadas e desenvolvidas, sobre a institucionalização do desenho como saber a ser ensinado na escola elementar. Considerando as conexões evocadas nos textos entre desenho e saberes geométricos, tais investigações poderão aportar contribuições relevantes para a compreensão da constituição dos saberes matemáticos como saberes a serem ensinados na escola primária.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Marcos Denilson. O desenho a ensinar em Rui Barbosa: elementos ou rudimentos? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 3, São Mateus, 2016. **Apresentações...** São Mateus: 2016. Disponível em:

<<http://www.eventos.ufes.br/index.php/enaphem/3enaphem/schedConf/presentations>>.

Acesso em: 30 out. 2016. p. 1-15.

KUHN, Thaline Thiesen; FLORES, Cláudia Regina. O ensino de desenho para o trabalho industrial: o traçado de uma pesquisa histórica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 3, São Mateus, 2016.

Apresentações... São Mateus: 2016. Disponível em:

<<http://www.eventos.ufes.br/index.php/enaphem/3enaphem/schedConf/presentations>>.

Acesso em: 30 out. 2016. p. 1-10.

SANTOS, Emanuel Silva; SANT'ANA, Claudinei de Camargo. O ensino do desenho na escola primária em Salvador, Vitória da Conquista e Caetité (1925 -1940): uma análise dos documentos oficiais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 3, São Mateus, 2016. **Apresentações...** São Mateus: 2016.

Disponível em:

<<http://www.eventos.ufes.br/index.php/enaphem/3enaphem/schedConf/presentations>>.

Acesso em: 30 out. 2016.p. 1-14.

VALENTE, Wagner R. A matemática nos primeiros anos escolares: elementos ou rudimentos? **História da Educação**, v. 20, p. 33-47, 2016.